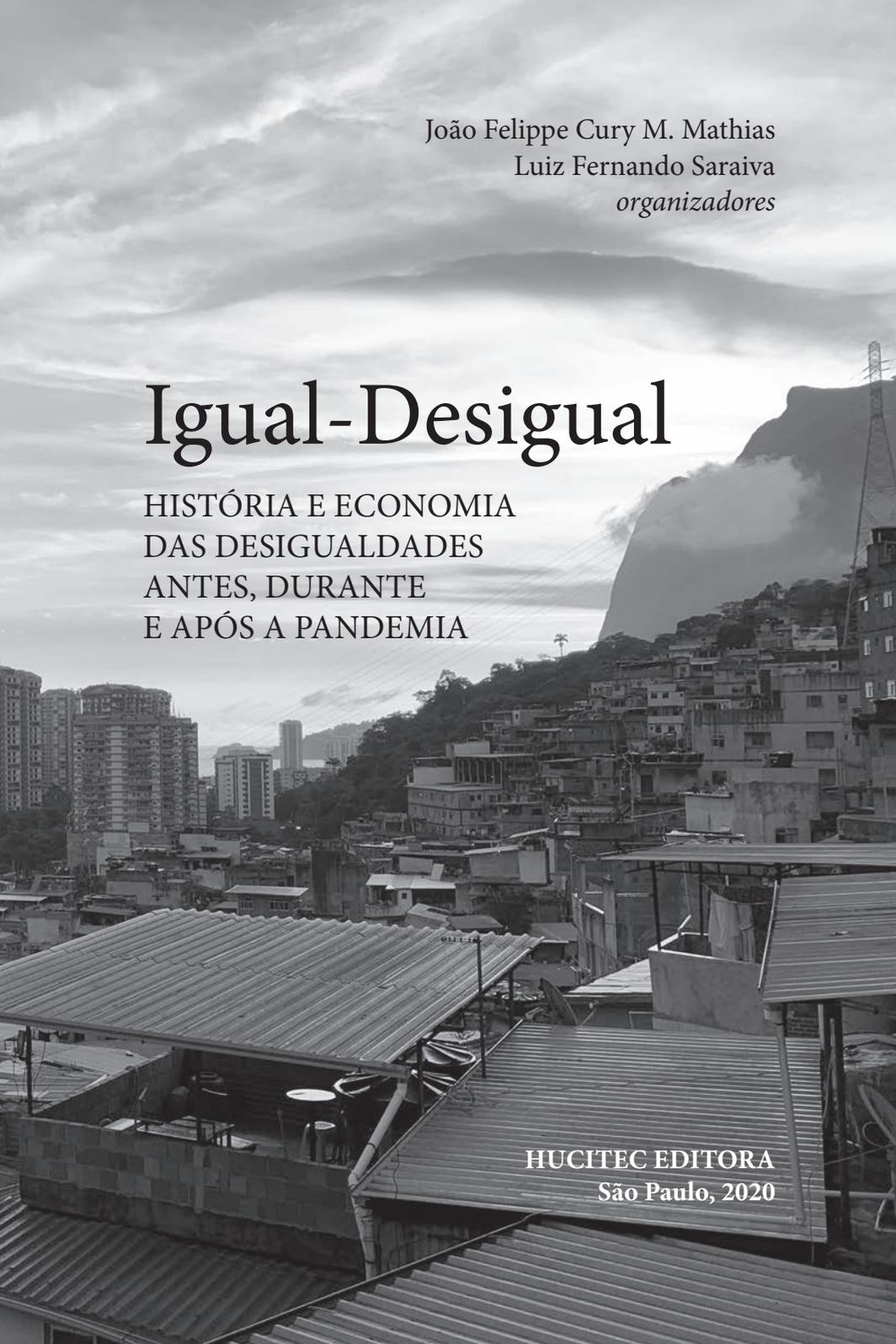


Igual-Desigual

HISTÓRIA E ECONOMIA
DAS DESIGUALDADES
ANTES, DURANTE
E APÓS A PANDEMIA





João Felipe Cury M. Mathias
Luiz Fernando Saraiva
organizadores

Igual-Desigual

HISTÓRIA E ECONOMIA
DAS DESIGUALDADES
ANTES, DURANTE
E APÓS A PANDEMIA

HUCITEC EDITORA
São Paulo, 2020

Igual-Desigual

Eu desconfiava:
todas as histórias em quadrinho são iguais.
Todos os filmes norte-americanos são iguais.
Todos os filmes de todos os países são iguais.
Todos os best-sellers são iguais
Todos os campeonatos nacionais e internacionais de futebol são
iguais.
Todos os partidos políticos
são iguais.
Todas as mulheres que andam na moda
são iguais.
Todos os sonetos, gazéis, virelais, sextinas e rondós são iguais
e todos, todos
os poemas em verso livre são enfadonhamente iguais.

Todas as guerras do mundo são iguais.
Todas as fomes são iguais.
Todos os amores, iguais iguais iguais.
Iguais todos os rompimentos.
A morte é igualíssima.
Todas as criações da natureza são iguais.
Todas as ações, cruéis, piedosas ou indiferentes, são iguais.
Contudo, o homem não é igual a nenhum outro homem, bicho ou
[coisa.

Ninguém é igual a ninguém.
Todo o ser humano é um estranho
ímpar.

A paixão medida (1980). Carlos Drummond de Andrade
8.^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, pp. 77-8.

© Direitos autorais, 2020,
da organização de João Felipe Cury M. Mathias
& Luiz Fernando Saraiva
© Direitos de publicação reservados por
Hucitec Editora Ltda.
Rua Dona Inácia Uchoa, 209
04110-020 São Paulo, SP.
Telefone (55 11 3892-7776)
www.huciteceditora.com.br
www.lojahucitec.com.br
comercial@huciteceditora.com.br

Depósito Legal efetuado.

Direção editorial
MARIANA NADA

Produção editorial
KÁTIA REIS

Assessoria editorial
MARIANA TERRA

Preparação de texto e revisão
BIA BARROS

Circulação
ELVIO TEZZA

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

127

Igual-desigual : história e economia das desigualdades antes, durante e após a pandemia / organização João Felipe Cury Marinho Mathias, Luiz Fernando Saraiva. - 1. ed. - São Paulo : Hucitec, 2020.
415 p. ; 21 cm.

Inclui índice
ISBN 978-65-86039-66-5

1. Disparidades econômicas regionais - História. 2. História econômica. 3. Desenvolvimento econômico - Aspectos sociais. 4. Epidemias - Aspectos sociais. 5. COVID-19 (Doenças). 6. Infecção por coronavírus. I. Mathias, João Felipe Cury Marinho. II. Saraiva, Luiz Fernando.

20-68391

CDD: 330.9
CDU: 330.34

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Sumário

- 13 **Prefácio**, *Motuni*, Pedro Fernando Nery
- 19 **Apresentação**, João Felipe Cury M. Mathias e Luiz Fernando Saraiva

PARTE I – DAS ORIGENS DA DESIGUALDADE E DOS MALES QUE DAÍ VEM

- 33 **Capítulo 1**
DANIEL DUQUE
Desigualdades de oportunidades educacionais e mobilidade social: uma reflexão sobre o Brasil recente
- 57 **Capítulo 2**
FRANÇOIS VATIN
A desigualdade na igualdade: a instituição salarial
- 63 **Capítulo 3**
THIAGO ALVARENGA
Desigualdade econômica na cidade do Rio de Janeiro nas últimas décadas do Império do Brasil

- 75 **Capítulo 4**
JOÃO SABOIA
A pandemia mudou o mercado de trabalho no Brasil?
- 82 **Capítulo 5**
VINÍCIUS RODRIGUES PEÇANHA
Origens históricas da desigualdade e futuro pós-Covid
- 91 **Capítulo 6**
VALÉRIA PERO, DANIELLE CARUSI & ADRIANA FONTES
Renda do trabalho e desigualdade na pandemia de Covid-19
- 103 **Capítulo 7**
ELIONE SILVA GUIMARÃES, LUIZ FERNANDO SARAIVA & PAULO SARAIVA
Desigual entre os desiguais. Apontamentos para uma história das desigualdades raciais no Brasil: Juiz de Fora na década de 1870
- PARTE II – DAS DESIGUALDADES EM SUAS VÁRIAS GEOGRAFIAS
- 137 **Capítulo 8**
COLIN DARCH
As raízes históricas de desigualdade contemporânea na África do Sul: o legado de *apartheid*
- 147 **Capítulo 9**
RODRIGO ZEIDAN
Desigualdade de renda e desenho das sociedades do Leste Asiático
- 159 **Capítulo 10**
NUNO DE FRAGOSO VIDAL
Das desigualdades em África

- 172 **Capítulo 11**
ÁNGEL PASCUAL MARTÍNEZ SOTO
De la pobreza, la desigualdad y la pandemia en España
- 188 **Capítulo 12**
LUIZ EDUARDO SIMÕES DE SOUZA & LARYSSA COSTA
E SILVA
Distribuição de renda na Argentina, 1935-2015: métodos e resultados
- 203 **Capítulo 13**
REINALDO GONÇALVES
Inclusão social na América Latina: a esquerda tem melhor desempenho que a direita?
- PARTE III – DA DESIGUALDADE POR GÊNERO,
RAÇA E A SUA RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE
- 215 **Capítulo 14**
TERESA CRISTINA DE NOVAES MARQUES
Uma outra economia política da desigualdade
- 224 **Capítulo 15**
ELIAS DE OLIVEIRA SAMPAIO
O velho novo normal e as desigualdades raciais categóricas e duradouras
- 243 **Capítulo 16**
FERNANDO CARDOSO COTELO
Livres e Enclausurados: duas maneiras de levar a pior em tempos de Covid-19
- 255 **Capítulo 17**
CARLOS EDUARDO FRICKMANN YOUNG
Exclusão ambiental e desigualdade no Brasil

- 266** **Capítulo 18**
ALINE CRISTINA LAIER & FERNANDO GAUDERETO
LAMAS
A luta pelo direito à terra no Brasil: uma análise sobre as
terras de quilombolas
- 275** **Capítulo 19**
ANA LUIZA PESSANHA. BRUNO GOMES & MARIA OA-
QUIM
Sobre discriminação no mercado de trabalho e desafios
da Ciência Econômica
- PARTE IV – O QUE ESTAMOS FAZENDO E O QUE
PODEMOS FAZER: POLÍTICAS PARA O COMBATE
ÀS DESIGUALDADES EM ÉPOCAS DA COVID-19
- 297** **Capítulo 20**
DANIEL DUQUE
Renda Básica de Cidadania em debate: dilemas, proble-
mas e oportunidades para o Brasil
- 313** **Capítulo 21**
DANIEL DUQUE
Renda Básica: o novo desafio para o salto civilizatório
do Brasil pós-pandemia
- 328** **Capítulo 22**
DANIELA UZIEL & JOÃO FELIPPE CURY M. MATHIAS
Desigualdade salarial no setor farmacêutico no Brasil:
uma proposta metodológica e reflexões para o pós-epi-
demia
- 342** **Capítulo 23**
VALÉRIA PERO, DANIELLE CARUSI & ADRIANA FONTES
Perfil socioeconômico dos beneficiários dos auxílios
emergenciais na pandemia de Covid-19

- 359 **Capítulo 24**
LENA LAVINAS
Brasil: Covid-19 e Renda Básica Universal à luz do Ul-
traliberalismo
- 370 **Capítulo 25**
GREGÓRIO DURLO GRISA
Dilemas e desafios da educação diante da pandemia de
Covid-19
- 379 **Capítulo 26**
LUIZ FERNANDO DE PAULA, PAULO SARAIVA & TEÓFI-
LO DE PAULA
Políticas monetárias de combate à pandemia do Co-
vid-19: uma breve análise das medidas adotadas pelo
Banco Central do Brasil e seus impactos sobre a distri-
buição da renda
- HOMENAGEM
- 399 **Capítulo 27**
FABIO SÁ EARP & GEORGE KORNIS
Carlos Lessa e o Finsocial: um laboratório para políticas
de combate às desigualdades na década de 1980
- 409 **Sobre os autores**
- 414 **Legendas e créditos das imagens**



Prefácio

PEDRO FERNANDO NERY

Motonui

Durante a pandemia comemorei o aniversário da minha filha. Não foi possível fazer aglomerações, mas ela teve um dia divertido, com o tema do filme favorito. Passou o dia vestida de “Momô”. Aleksandro também vestiu nesta pandemia sua filha de *Moana*, a sonhadora e corajosa personagem da Disney. Foi para o sepultamento de Emily — a criança de quatro anos baleada na cabeça à luz do dia e na porta de casa. Aleksandro ainda teve de enterrar a filha com as próprias mãos.

Enquanto fechava o prefácio deste livro sobre desigualdade, é a história de Emily e Rebeca — sua prima, também morta em um tiroteio envolvendo a polícia — que ocupa os jornais. É mais uma tragédia envolvendo pretos, pobres e periféricos, que brasileiros mais parecidos comigo ou talvez com o leitor não imaginam viver.

Somos desiguais desde o nascimento, mas também na escola, no trabalho e até na morte. Este é um livro sobre essas diferenças, tão marcantes no ano de 2020, mas que precisam ser entendidas: os próximos anos podem ser até mais malditos. Se não quanto ao vírus, quanto às suas sequelas: pobreza, desemprego, abandono escolar.

A pandemia fechou empresas, destruiu empregos e tirou alunos das escolas. Seu impacto será duradouro e seus efeitos serão bem sentidos nos próximos anos. Isso até porque o Estado brasileiro montou uma estrutura temporária para mitigar os efeitos sociais da covid em curto prazo, o que permitiu a miragem de um país menos injusto. Principalmente com o fim do auxílio emergencial, voltaremos novamente a excluir quem mais precisa do orçamento público.

No primeiro capítulo do livro, Daniel Duque mostra que, no Brasil, o destino dos cidadãos é, em geral, determinado até mesmo antes de nascerem. Trata, portanto, da desigualdade de oportunidades — um conceito menos conhecido que o de desigualdade de renda, mas tão importante quanto (e um que talvez dê margem para mais pessimismo). Duque faz um belo esforço quantitativo, mas mantém a didática, mostrando os avanços na redução da desigualdade de oportunidades desde a redemocratização e os desafios que ainda restam para um campo de jogo mais nivelado no país.

O leitor não precisa ler os capítulos em ordem, mas o capítulo de Duque é bom ponto de partida para qualquer roteiro. Vale ler em sequência o do professor João Saboia, salientando a desigualdade que existe na forma como trabalhamos, e como uma crise como a atual afeta de modo radicalmente diferente os brasileiros, com emprego formal e os brasileiros que se ocupam de outras formas. O quadro que se desenha, mostra Saboia, é sombrio. Siga para o capítulo de Valéria Pero, Danielle Carusi e Adriana Fontes, que também analisam a crise da Covid-19 e o mercado de trabalho, mas com foco na perda de renda na pandemia, mostrando como o resultado varia de acordo com desigualdades de escolaridade e de acesso ao teletrabalho.

Para além do Brasil e do atual momento, este livro também debate a desigualdade em outros momentos e em outros territórios. O capítulo de François Vatin reflete sobre a instituição salarial e o princípio do salário; e o de Thiago Alvarenga de Oliveira sobre o Rio de Janeiro imperial. Já o de Vinícius Peçanha traz uma ampla revisão das origens da desigualdade, passeia pelo tempo e por regiões de acordo com a literatura acadêmica mais moderna e relaciona estruturas de desigualdade com o debate sobre o coronavírus no Brasil. É um capítulo objetivo, mas é uma das joias desta obra.

Fechando a primeira seção, um retorno à Juiz de Fora pré-abolição, revelada por informações censitárias compiladas por Elione Silva Guimarães, Luiz Fernando Saraiva e Paulo Saraiva.

Entender a desigualdade do Brasil passa pelo entendimento sobre no que somos diferentes de outras nações. A segunda seção do livro expande o debate para outros países. Colin Darch vai além dos lugares comuns ao tratar da África do Sul, evidenciando a forma insidiosa com que o *apartheid* ainda se exhibe naquela sociedade. Rodrigo Zeidan, em um texto rico de informações, analisa os países do Leste Asiático — cujas trajetórias de crescimento econômico foram muito debatidas no Brasil, em anos recentes, mas suas distribuições de renda nem tanto. Nuno de Fragoso Vidal discorre sobre a evolução da desigualdade nas nações africanas, com olhar atento para o pós-independência. Já Ángel Pascual Martínez Soto vai narrar os problemas da pandemia em um país desenvolvido — a Espanha.

Luiz Eduardo Simões de Souza e Laryssa Costa e Silva investigam a distribuição de renda em um país que está tão perto fisicamente de nós quanto distante de nossas discussões. Por que falamos tão pouco da Argentina? Semelhanças e diferenças aparecem nesta análise que se propõe a compreender quase um século. Com abordagem parecida, ainda para a América Latina, Reinaldo Gonçalves vai defender que governos de esquerda têm melhor desempenho na inclusão social.

Voltamos ao Brasil na terceira seção, com interesse pelas questões de gênero, raça e meio ambiente. No capítulo 14, Teresa

Cristina de Novaes Marques relaciona a atual discussão sobre desigualdade com a filosofia. Elias de Oliveira Sampaio questiona a retórica de “novo normal” para tratar das desigualdades na pandemia, destacando que há na verdade um sistema antigo por trás do que parece novidade: o racismo estrutural. Já Fernando Cardoso Cotelto busca compreender em detalhes por que a população negra foi mais afetada pelo vírus no País.

Os problemas ambientais também são fonte de desigualdade: Carlos Eduardo Young explora o seu conceito de exclusão ambiental e conclui que estamos de longe de quebrar um ciclo vicioso entre pobreza ambiental e pobreza monetária. Compartilha a temática ambiental com o trabalho de Aline Laier e Fernando Lamas, sobre a luta quilombola.

Um dos mais informativos e rigorosos capítulos da obra é o que fecha a seção. Ana Luiza Pessanha, Bruno Gomes e Maria Oaquim vão à fundo na discussão da teoria econômica e discriminação de gênero e raça no mercado de trabalho. Se não tiver tempo para ler todos os capítulos, este é um que o leitor deve priorizar.

Na parte final da obra, o futuro. São capítulos com perspectivas no combate à desigualdade à luz dos capítulos anteriores, com os temas do dia. Daniel Duque reaparece nos capítulos 20 e 21: no primeiro, pontuando sobre as vantagens e desvantagens de uma renda básica universal, no último, sugerindo uma alternativa viável — apresentando fontes de financiamento e possíveis efeitos. Já Daniela Uziel e João Felipe Cury analisam a desigualdade salarial em um setor relevante do país, o setor farmacêutico.

Valéria Pero, Danielle Carusi e Adriana Fontes também voltam, apresentando o perfil de quem recebeu o auxílio emergencial — pista de quem vai sofrer mais com o seu fim. A renda básica universal é o tema de outra abordagem, a de Lena Lavinias, que apresenta os riscos que um programa como este poderia apresentar às atuais políticas públicas.

A distribuição de renda na pandemia ainda será tema de um último capítulo, mas cujo enfoque é a política monetária (por Luiz Fernando de Paula, Paulo Saraiva e Teófilo de Paula). E um dos temas mais difíceis da pandemia, a educação, é abordado por Gre-

gório Grisa — especialista que ganha cada vez mais espaço com suas análises ponderadas do assunto (aqui não foi diferente). Em um último capítulo, Fabio Sá Earp e George Konis homenageiam o economista Carlos Lessa, vítima da pandemia.

Na leitura desta obra, há diferenças metodológicas e de interpretação, naturais em um livro plural. De comum, a latente aspiração por um País e um mundo menos injustos: pelo menos, um pouquinho mais próximos de Motonui — a ilha igualitária marcada pela cooperação e pela sustentabilidade que *Moana* esperar liderar. Um pouquinho mais próximos de uma utopia que apresentamos às nossas filhas, sonhada a partir de realidades tão diferentes.



Apresentação

JOÃO FELIPPE CURY M. MATHIAS
LUIZ FERNANDO SARAIVA

1. A cena

Em tempos singulares a genialidade um tanto melancólica do *insight* de Carlos Drummond de Andrade, que inspirou o título e a epígrafe que abre este livro, merece ser destacada. Se todas as mortes são **igualíssimas** e todo o ser humano é um estranho ímpar, portanto, todas as mortes são diferentes e específicas. Afinal, há evidências robustas por todo o mundo da desigualdade das consequências da Covid-19. Em seu *Curto-circuito*, Laura Carvalho afirma que “Sobram evidências de que a pandemia não é tão democrática quanto muitos gostam de fazer parecer. Sim, ela está prejudicando a vida de todos, mas os mais pobres sofrem muito mais os seus impactos na saúde e na economia” (Carvalho, 2020, p. 9).

Esse livro tem o desafio de analisar do ponto de vista **histórico e econômico** as diversas origens da desigualdade que separam seres humanos, cidades, regiões, países e continentes e

como o atual cenário que vivemos é fruto de nossas escolhas e não de um vírus que se inoculou entre nós. A atual pandemia não gerou propriamente uma crise em escala mundial, antes antecipou as consequências de nossas trajetórias enquanto sociedade. Ao enfrentarmos (ou negarmos) o atual cenário pagamos o preço — à vista — de nossas escolhas, quer do passado, quer do presente.

Em países como o Brasil, onde a desigualdade é histórica e geneticamente ligada à nossa formação, a atual pandemia desnudou as diversas formas de desigualdades como aquelas relacionadas à escolaridade e à raça. Em nota técnica, o CTC/ PUC-Rio apresenta as diferenças sociais na letalidade de Covid-19. Segundo o estudo, os pretos e pardos morrem mais de Covid-19 do que brancos. Na combinação de raças e escolaridade, **as realidades desiguais ficaram ainda mais evidentes**, com maior porcentagem de óbitos de pretos e pardos, em todos os níveis de escolaridade. Os sem escolaridade mostraram uma proporção quatro vezes maior de morte do que brancos com nível superior (80,35% contra 19,65%). Além disso, pretos e pardos também apresentaram proporção de óbitos, em média, 37% maior do que brancos na mesma faixa de escolaridade, com a maior diferença sendo no nível superior (50%) (Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde, PUC-Rio, 2020).

Assim, o tema desigualdade é, na verdade, um tema plural: as desigualdades. Elas se expressam de várias maneiras, sendo as mais comuns as desigualdades de oportunidades (acesso à educação, saúde, infraestrutura em geral, etc.), de resultados (renda do trabalho) e de tratamento (discriminações raciais, de gênero, opção sexual, religiosa, etc.). Uma face muito visível é a desigualdade espacial, desde as existentes dentro de uma cidade, passando pelas regiões e chegando à comparação entre países. Um ponto importante a ser ressaltado são as evidências de que os níveis de desigualdade entre os países podem ser muito diferentes, ainda que sejam países que tenham um nível similar de desenvolvimento. Isso chama a atenção para o importante papel das políticas públicas nacionais, locais e das instituições no ao combate à desigualdade. Os aspectos institucionais são bastante valorizados

por Pedro Ferreira de Souza, em seu celebrado *Uma história da desigualdade*:

A ideia básica é que determinado padrão de desigualdade resulta sobretudo do efeito combinado e cumulativo de uma série de políticas e programas, de pequenas e grandes decisões, e que, em condições democráticas normais, tanto a ameaça de desorganização social quanto o próprio perde-e-ganha político dificultam muito a redistribuição duradoura dos mais ricos para o resto da população (Souza, 2018, p. 30).

As desigualdades associadas à escolaridade e à cor exprimem desigualdades de **resultados** (notadamente as de renda), mas refletem as desigualdades de **tratamento** e de **oportunidades**. *Aqui o papel da História assume centralidade na análise desse complexo tema*. É dessa tríade de desigualdades que estruturamos a primeira parte do livro, a seção **Das origens da desigualdade e dos males que daí vem** apresenta as reflexões que tratam das questões salariais (resultados); educacionais (oportunidades) e raciais (ou de tratamento) em uma perspectiva diacrônica, ou seja, de nosso passado escravista para a nossa economia atual.

Um dos maiores estudiosos da desigualdade desde a segunda metade do século XX, Anthony Atkinson defendeu a necessidade de se revisitar o passado e cita a frase célebre de George Santayana em seu *Life of Reason*: “Aqueles que não conseguem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo” (Atkinson, 2015). Nas dimensões da desigualdade — resultados, oportunidades e tratamento — as lembranças do passado são fundamentais ao entendimento do presente e ao enfrentamento do problema em prol de melhoras futuras. Isso porque não são apenas lembranças, mas processos dolorosamente vivos entre nós

O entrelaçamento de uma herança escravista como apontado no sétimo e último capítulo dessa seção *Desigual entre os desiguais: apontamentos para uma história das desigualdades raciais no Brasil: Juiz de Fora na década de 1870*, revela uma espantosa similaridade entre a população preta e parda do Brasil de 1872 e a

atual composição étnica de nossa sociedade. Essa similitude é ainda mais assustadora quando verificamos que os dados de concentração de renda (Gini) também se assemelham ao que nós fomos e ao que nós somos. Essa reflexão é aguçada pelo capítulo 5, *Origens históricas da desigualdade e futuro pós-Covid-19*, onde vemos o impacto dessa herança escravista nas instituições que temos hoje, da concentração de terras às formas de governança.

Esforço histórico similar, mas que já aponta a dissolução da escravidão entre nós (mas não de suas consequências, é claro) é o terceiro capítulo *Desigualdade econômica na cidade do Rio de Janeiro nas últimas décadas do Império do Brasil*, onde vemos que as possibilidades de renda e poupança dos trabalhadores assalariados da cidade mais rica do Império do Brasil — e, talvez a mais rica capital da América Latina — já estavam indelevelmente marcados pela desigualdade de renda, pobres e despossuídos, esses grupos possuíam limitações que iriam desembocar 100 anos depois em desigualdades de oportunidades onde a educação tem um papel central nesse processo. O primeiro capítulo da seção (e do livro) *Desigualdades de oportunidades educacionais e mobilidade social: uma reflexão sobre o Brasil recente* percorre o incômodo de constatarmos que só recentemente estávamos revertendo o fosso educacional que separa os ricos e pobres e, mesmo esse pequeno, mas significativo avanço, é frágil e pode estar retrocedendo no presente momento.

Em sentido inverso na ordem dos capítulos, vemos que o segundo texto *A desigualdade na igualdade: a instituição salarial* já traz o germe do que entre nós se tornará endógeno, epidêmico e agora pandêmico, a desigualdade salarial que se sobrepõe a racial. A desigualdade no capitalismo (do moderno ao contemporâneo) se esconde nas brechas do assalariamento que, apesar da aparente equalização de seres humanos, sempre trouxe embutida a hierarquização das sociedades progressas. Isso se aprofunda no capítulo 4 *A pandemia mudou o mercado de trabalho no Brasil?* que aprofunda como a precarização do trabalho não é, como o nome parece sugerir, uma situação provisória (ou precária), mas é a própria fonte, origem e a nova fronteira da moderna e lucrativa gestão do siste-

ma entre nós. Essa triste constatação é apresentada com riquezas de detalhes no sexto capítulo *Renda do trabalho e desigualdade na pandemia de Covid-19* contemplando o drama de que vivemos e assistimos.

2. O palco

Tony Judt, em *O mal ronda a terra. Um tratado sobre as insatisfações do presente* (Judt, 2010) retratava as insatisfações num contexto após uma crise (2008). Dez anos se passaram e a história se repete. Neste “Igual-Desigual” busca-se uma reflexão sobre as insatisfações do presente, este agora conectado aos desdobramentos da maior crise enfrentada pela humanidade em muitas décadas, provocada pela pandemia de Covid-19. No início de seu livro Tony Judt oferece “Um guia para os perplexos” e suas palavras iniciais dizem: “Há algo de profundamente errado na maneira como vivemos hoje. Ao longo de trinta anos a busca por bens materiais visando o interesse pessoal foi considerada uma virtude: na verdade, esta própria busca constitui hoje o pouco que resta de nosso sentimento de grupo” (Judt, 2011, p. 15). São sentimentos corrompidos, segundo Judt, que faz questão de citar a passagem de Anna Karenina de Liev Tolstói em 1877, segundo a qual: “Não há condições de vida às quais um homem não consiga se acostumar, principalmente se todos que a rodeiam as aceitam”. Algo semelhante ao que Rousseau já dizia em 1762 “O homem nasceu livre, e em toda parte se encontra sob ferros”.

Duzentos e cinquenta e oito anos, ou cento e quarenta e três anos, ou dez anos se passaram e novas palavras refletiram a perplexidade com o *modus vivendi* da humanidade: “Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente”, disse o Papa Francisco em sua homilia de Páscoa deste fatídico ano de 2020. Palavras que trazem à luz sobre o mundo no qual vivíamos, os padrões de acumulação e consumo e o mundo do trabalho que, antes da pandemia de Covid-19, pareciam seguir sua

rota de “normalidade”. No limite, o que Sua Santidade parece sugerir é que a humanidade se acomodou a uma visão que propiciava um cenário de perversão da normalidade.

A pandemia, contudo, pôs em xeque o padrão de “progresso” que era socialmente tolerado. Sobre o emergente debate sobre qual será o “novo normal” após a epidemia há um sugestivo indicador nas palavras de grafite num metrô de Hong Kong: “Não queremos voltar para o normal, porque o normal que tínhamos era justamente o problema”. Nessa mesma linha adverte o já citado Tony Judt: “Mas se ficarmos apenas catando os cacos para tocar a vida como era antes podemos esperar por reviravoltas ainda maiores nos próximos anos” (Judt, 2011, p. 16). Palavras proféticas para se entender um mundo doente.

Por isso, a seção seguinte do nosso livro **Das desigualdades em suas várias geografias** permite um “passeio” virtual entre vários continente em busca de perceber o quanto o Igual é Desigual em termos de heranças do passado; concentração de renda; desigualdades menosprezadas pela economia e potencializadas pela atual pandemia.

Do continente africano vemos os capítulos 8 e 10 (respectivamente *As raízes históricas de desigualdade contemporânea na África do Sul: o legado de apartheid* e *Das desigualdades em África*) o cenário sombrio da concentração de renda em duas sociedades distintas e que passaram por dois processos colonizadores também distintos. A comparação com outras regiões do mundo, como o Leste Asiático e na Europa como visto nos capítulos 9 e 11 (*Desigualdade de renda e desenho das sociedades do Leste Asiático* e *De la pobreza, la desigualdad y la pandemia en España*) oferece evidências de transformações possíveis, mas também da persistência da desigualdade mesmo em sociedades que se vendem (e se veem) como mais justas.

Os dois últimos capítulos (12 e 13, ou *Distribuição de renda na Argentina, 1935-2015: métodos e resultados* e *Inclusão social na América Latina: a esquerda tem melhor desempenho que a direita?*) trazem exemplos mais próximos de nossa realidade e oferecem alguma esperança (mesmo que modesta) de intervenção em nosso presente / futuro.

3. O objeto

Vendo, em perspectiva, as questões econômicas e históricas que separam a nossas sociedades entre ricos e pobres; instruídos e excluídos; nós e eles... devemos nos lembrar o quanto a Economia é uma ciência moral nos dizeres de Adam Smith e que foi revisto recentemente por Amartya Sen (Sen et al., 1988). Da mesma forma, nos dizeres de March Bloch toda história é contemporânea, porque se ocupa dos problemas reais que a sociedade do historiador enfrenta e por isso seu mergulho ao passado sempre busca a origens desses males. Compreender essa dimensão ética e contemporânea significa percorrer as novas desigualdades engendradas em nossa sociedade e agravadas nesse ano.

Na terceira seção, **Da desigualdade por gênero, raça e a sua relação com o meio ambiente**, vemos esses “novos/velhos” problemas que hoje urgem por soluções do capítulo 15, *O velho novo normal e as desigualdades raciais categóricas e duradouras* e o capítulo 18 *A luta pelo direito à terra no Brasil: uma análise sobre as terras de quilombolas*, as novas questões que a exclusão racial se reinventou promovendo novas desigualdades. Também o capítulo 14, *Uma outra economia política da desigualdade* recupera a exclusão por gênero demonstrando histórica e atualmente os limites que as mulheres enfrentem em nosso “normal”.

Da mesma forma, o ambiente em que vivemos despertou pouca atenção, tanto na Ciência Econômica como na História, sendo, até recentemente, um campo periférico nessas duas áreas. A pandemia pela sua origem controversa em meio a animais selvagens e as consequências avassaladoras que promoveram em nosso modo de viver pode ser visto nos capítulos 16 (*Livres e enclausurados: duas maneiras de levar a pior em tempos de Covid-19*) e 17 (*Exclusão ambiental e desigualdade no Brasil*) porque demonstram como o acesso à moradia e a nossa (perversa) relação com o ambiente que nos cerca começa a cobrar o seu preço pela escolha de nossos dirigentes e governantes.

Fechando a seção, o capítulo 19 *Sobre discriminação no mercado de trabalho e desafios da ciência econômica* consegue rever vários dos temas que ainda nos impede de enfrentarmos a nossa realidade cada vez mais desigual e reforça as escolhas políticas que fazemos.

4. A encruzilhada: o capitalismo pós-pandemia

Se o combate à atual pandemia não é trivial, tampouco o combate à desigualdade o é. Atkinson reconhece: “... devo confessar a nossa ignorância. Embora tenhamos uma boa ideia dos mecanismos que levaram ao aumento da desigualdade, estamos longe de ter certeza de suas contribuições relativas. Se quisermos progredir, não podemos confiar em uma única abordagem” (2015, p. 239, tradução nossa). Com efeito, é sempre importante lembrar que a Economia é contexto-dependente. O combate à desigualdade não é diferente. Nesse sentido é preciso ter profundo conhecimento a respeito das instituições do país, bem como dos indicadores macroeconômicos. A coordenação de políticas institucionais, macroeconômicas e políticas públicas é crucial para o sucesso do combate à desigualdade cuja decisão deve ser consequência da democracia, emergindo da população e de suas pactuações sociais e políticas ao longo da história.

Por isso, a última seção de nosso livro intitulada **o que estamos fazendo e o que podemos fazer: políticas para o combate às desigualdades em épocas da Covid-19** busca algumas propostas e “soluções” que, exaradas do campo da economia, percorre questões como a justiça social, a renda básica, a educação e ainda as próprias políticas monetárias adotadas nesse ano que parece que nunca vai terminar.

Dos capítulos 20 ao 22 (*Renda Básica de cidadania em debate: dilemas, problemas e oportunidades para o Brasil; Renda Básica: o novo desafio para o salto civilizatório do Brasil pós-pandemia e Desigualdade salarial no setor farmacêutico no Brasil: uma propos-*

ta metodológica e reflexões para o pós-epidemia) propõem com as melhores ferramentas da ciência econômica soluções que redimensionam o caráter moral dessa ciência: a preocupação com a civilização e o progresso de **toda** a humanidade, recuperando o ideal iluminista de Nicolas Condorcet.

Os dois capítulos seguintes (*Perfil socioeconômico dos beneficiários dos auxílios emergenciais na pandemia de Covid-19 e Brasil: Covid-19 e Renda Básica Universal à luz do Ultraliberalismo*) por sua vez, enfrentam a questão da desigualdade de duas maneiras também muito próprias da ciência econômica. O método que permite identificar quem mais sofre com a desigualdade e, portanto, quem mais sofre com a atual pandemia e ainda, como do ponto de vista teórico, a ideia da Renda Básica Universal imaginada pela primeira vez na *Utopia* de Thomas Morus, publicado pela primeira vez, em 1516, não é um construto abstrato, política e alheio à economia, mas está no cerne das transformações da economia mundial dos últimos 500 anos que nos trouxeram até aqui.

Os dois últimos capítulos (*Dilemas e desafios da educação diante da pandemia de Covid-19 e Políticas monetárias de combate a pandemia do Covid-19: uma breve análise das medidas adotadas pelo Banco Central do Brasil e seus impactos sobre a distribuição da renda*) por sua vez, demonstram como a fala dos homens (e suas ações) tem interferido real e concretamente nos limites do nosso atual modelo de vida em sociedade. Oxalá os tempos mudem!

Por último e nunca em último, temos no capítulo 27 *Carlos Lessa e o Finsocial: um laboratório para políticas de combate às desigualdades na década de 1980* uma justa homenagem ao nosso estranho ímpar, que tanto uniu a história com a economia em uma cruzada ética para dar ao nosso mundo um destino um pouco mais humano do que hoje vivemos.

Referências

ATKINSON, Anthony B. *Inequality. What can be done?* Cambridge: Harvard University Press, 2015.

- CARVALHO, Laura. *Curto-circuito: O vírus e a volta do Estado*. São Paulo: Todavia, 2020.
- JUDT, Tony. *O mal ronda a terra*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2011.
- NÚCLEO DE OPERAÇÕES E INTELIGÊNCIA EM SAÚDE – PUC-RIO. Análise socioeconômica da letalidade dos casos da COVID-19 no Brasil. Nota Técnica 11, 27 mai. 2020. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1tSU7mV4OPnLR-FMMY47JIXZgzkkklydO/view>>. Acesso em: 2 jun. 2020.
- SEN, Amartya Kumar; MADDALONI, Salvatore & LETICHE, John M. *Ética ed economia*. Bari: Laterza, 1988.
- SOUZA, Pedro. H. G. Ferreira. *Uma história da desigualdade: a concentração de renda entre os ricos no Brasil, 1926-2013*. São Paulo: Hucitec, 2018.



